

Histórias Afro-Atlânticas

Museu de Arte de São Paulo – Masp e Instituto Tomie Ohtake,

São Paulo, 29 jun.-21 out. 2018

Igor Simões

Nos últimos dias de 2018, a mostra Histórias Afro-Atlânticas (Museu de Arte de São Paulo-Masp) foi escolhida pelo jornal norte americano *New York Times* como a melhor exposição do ano em todo o mundo. Críticas elogiosas tomavam as principais publicações especializadas e, se por um lado, o Brasil encerrava 2018 dividido e apreensivo com os destinos políticos do país, no campo das artes visuais se celebrava a constituição de um capítulo novo no cenário da arte local. A mostra pode ser considerada marco e marca. Marco na história da arte de um país que por muitos anos invisibilizou a diversidade de sua produção artística realizada por homens e mulheres negros. Marca de uma história da arte resultante de um ainda incontornável racismo estrutural que atravessa as escritas de um país com forte apego a suas heranças coloniais.

Em 1550, o italiano Giorgio Vasari inventava a figura italiana de alcance universal do artista e começava a forjar aquilo que seria arte válida, artista e historiador da arte. Em 1550 atracavam nas Américas os navios que traziam homens e mulheres desumanizados pelo colonizador e coisificados para o seu uso. No caso do Brasil, foram homens brancos que se colocaram, não distante da perspectiva da superioridade racial, como os narradores de objetos que eram vistos como suportes devocionais, resultado do que era considerado fetiche, restos de práticas religiosas tidas como espúrias.

Diante desse cenário muito brevemente esboçado aqui, as exposições têm sido ilhas de edição para



Vista da exposição Histórias Afro-Atlânticas, segmento Emancipações, Instituto Tomie Ohtake. Foto do autor

histórias não previstas na historiografia da arte do país. É nos espaços expositivos que objetos são colocados em relação, permitindo que narrativas diversas e abertas sejam construídas e debatidas pela sociedade e pelo segmento especializado. Foi essa operação – que toma desde objetos canônicos da história da arte até experiências poéticas que não foram devidamente lidas por essa história – que se destacou na mostra Histórias Afro-Atlânticas, nos espaços do Instituto Tomie Ohtake e do Masp, entre os dias 29 de junho e 21 de outubro de 2018.

Para essa exposição, foram aportadas mais de 400 obras vindas da África, das Américas e da Europa, do século 16 ao século 21. A curadoria trazia, além de Lilia Schwarcz (uma das mais importantes historiadoras brasileiras), Adriano Pedrosa (diretor do Masp) e Tomas Toledo (curador do Masp), os nomes do antropólogo e ativista negro Helio Menezes e do artista, também negro, Ayrson Heráclito. As presenças de Menezes e Heráclito devem ser destacadas para apontarmos também a importância política de sujeitos negros em posição de constituir narrativas sobre a arte produzida no país e suas relações com a experiência diaspórica.

A mostra foi dividida em oito eixos: no Masp estavam Mapas e Margens; Cotidianos; Ritos e Ritos; Rotas e Transes: Áfricas, Jamaica, Bahia; Retratos; Modernismos Afro-Atlânticos. O Instituto Tomie Ohtake abrigou os segmentos Emancipa-



Vista da exposição Histórias Afro-Atlânticas, segmento Cotidianos, Masp Foto do autor



Vista da Exposição Histórias Afro-Atlânticas, segmento Áfricas, Jamaica, Bahia, Masp Foto do autor

ções; Resistências e Ativismos. Ao longo das salas, objetos de diferentes proveniências e épocas eram dispostos apontando para uma montagem que enlaçava tempos e espaços distintos e que permitia perceber as sobrevivências e rupturas nas formas de representar e de viver como negro, desde a experiência do desterro até o século 21.

As divisões, as inter-relações entre os acervos e a montagem que incitam as narrativas da mostra constituem uma proposição para pensar histórias da arte. Nesse caso, é inegável que a exposição enseja, mediante a junção de fragmentos a princípio separados pelo Atlântico, pelos tempos e pelas geografias, uma união pela montagem, que faz dos espaços expositivos uma ilha de edições para histórias não (pré) vistas da arte. Em relação à expografia, devem-se destacar alguns pontos: o Instituto Tomie Ohtake e as seções Resistências e Ativismos e Emancipações foram os espaços em que a exposição cumpria de maneira completa seus intentos. Diante de um Masp com a maioria dos espaços pautada por uma enorme quantidade de obras, a curadoria do Tomie Ohtake, principalmente a partir das figuras de Lília e Menezes, soube conduzir os silêncios, os intervalos em uma justaposição de trabalhos que de forma afetuosa e

bélica detonavam sentidos que escapavam ao objeto isolado e se entregavam por seu conjunto como uma contínua proposição ao pensamento sobre a porosidade entre as experiências de escravização e as precárias liberdades em diferentes tempos.

Se pensamos em narrativas afro-atlânticas, onde estão em nossa historiografia essas abordagens? A história da arte brasileira ainda tem com essa noção um *deficit*. As exposições que acompanharam os ciclos, a disponibilização dos seminários, as aquisições de obras de artistas negras e negros para o acervo do Masp, a antologia de textos, o catálogo da mostra e a disponibilização das vistas da mostra no *site* do Museu de Arte de São Paulo fazem de Histórias Afro-Atlânticas um espaço contínuo de pensamento para as narrativas da arte que ensinamos desde o Sul, ao mesmo tempo que nos lançam a uma provocação: a exposição não resolve de uma vez por todas a enorme lacuna institucional na relação entre racialização e artes visuais no Brasil. Ao contrário, ela desvela a necessidade de um conjunto de políticas institucionais que respeitem e contribuam para as histórias da arte de um Brasil válido para corpos e mentes de homens e mulheres negros.